

*Leitores e leituras de
romances franceses em
nossas plagas imperiais*



LEITORES E LEITURAS DE ROMANCES FRANCESES EM NOSSAS PLAGAS IMPERIAIS

RESUMO

Ao investigar como alguns escritores europeus foram lidos no Brasil Imperial — mais especificamente, como certas interpretações de determinados romances franceses foram publicadas na imprensa da Corte Imperial — este artigo aborda a questão da circulação de obras escritas e da sua recepção pelo leitor individual.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura; Leitor; Imprensa, Rio de Janeiro; Miguel do Sacramento Lopes Gama, padre

Artur José Renda Vitorino¹

LEITORES E LEITURAS DE
ROMANCES FRANCESES EM
NOSSAS PLAGAS IMPERIAIS

Não há refôrma religiosa, social ou politica, que nossos avós não fossem obrigados a conquistar, de seculo para seculo, á custa de seu sangue, por meio da insurreição.²

(Eugène Sue.)

Ao argumentar, no início de 1859, sobre a possibilidade do livro ser aniquilado pelo jornal, o jovem escritor Machado de Assis (1839-1908) escrevia nas páginas do *Correio Mercantil* – então tribuna dos liberais, mas cuja linha editorial adquiria nesse momento cor ministerial³, – que

O jornal, LITTERATURA QUOTIDIANA, no dito de um publicista contemporaneo, é a reproducção diaria do espirito do povo, o espelho commum de todos os factos e de todos os talentos, onde se reflete não a idéa de um homem, mas a idéa popular, esta fracção da idéa humana. O livro

¹ Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas. Este texto foi escrito com apoio da Fapesp. <arturvitorino@uol.com.br>

² SUE, E. *Os mysterios do povo ou historia de uma familia de proletarios desde os seculos mais remotos até á fundação da Republica franceza*. Rio de Janeiro: Typographia de Domingos Luiz dos Santos, 1878.

³ Depois da política de conciliação dos ministérios do marquês de Paraná, do marechal de Caxias e do marquês de Olinda, de 6 de setembro de 1853 a 12 de dezembro de 1858, o Gabinete do então conservador visconde de Abaeté (de 12 de dezembro de 1858 a 10 de agosto de 1859) era sustentado por um grupo que ainda se mantinha “conciliador”. A grande oposição na Câmara dos Deputados ao ministério Abaeté era por causa do seu Ministro da Fazenda, Francisco de Salles Torres-Homem, defensor da centralização econômica.

não está de certo nestas condições: há ahí alguma cousa de limitado e de estreito se o collocarmos em face do jornal. Depois, o espirito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é – movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reproducção diaria desta locomoção intellectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decahe, porque a discussão vive pelo fogo. O pamphleto não vale um artigo de fundo. Isto posto, o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. Nullifica-o como o livro nullificará a pagina de pedra? Não repugno admitti-lo.⁴

Por adotar idéias liberais e assimilar a retórica do progresso e da igualdade⁵, Machado de Assis defendia que o jornal era superior ao livro por estar *mais nas condições do espírito humano*, cujo movimento somente a imprensa-jornal conseguia seguir no mesmo grau. Conforme sentenciava o nosso autor à Montaigne: *a lei eterna, a faculdade radical do espírito humano, é o movimento*.⁶

Doutro lado, como Machado dedicou essa sua defesa do jornal ante o livro *Ao Sr. Dr. M. A. de Almeida*, podemos inferir que talvez o nosso autor estivesse pensando o que fôra para o seu ex-chefe na Imprensa Nacional a experiência de escrever concomitantemente, nas colunas do *Correio Mercantil*, a *Pacotilha* (espécie de suplemento dominical deste jornal) e compor o seu folhetim *Memórias de Um Sargento de Milícias*, novela em que o romancista às vezes fazia alusão metafórica às notícias veiculadas pela *Pacotilha*, e esta seguia o estilo humorístico daquele folhetim; além da receptividade do público para o folhetim quando ele foi

⁴ MACHADO DE ASSIS, O jornal e o livro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1859, Parte 2, p. 2. [grifo no original]

⁵ Cf. SCHWARZ, R. Um cálculo todo filho do coração. In: DASCAL, M. (Org.). *Conhecimento, linguagem, ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1989. (Coleção debates, v. 213), p. 149-170.

⁶ MACHADO DE ASSIS, O jornal... 12 jan. 1859, Parte 2, p. 2.

inserido nas primeiras páginas deste jornal, numa contraposição ao encalhe de venda quando Manuel Antônio de Almeida resolveu editá-lo na forma de livro.⁷

Curiosamente, no mesmo dia em que saiu o artigo de Machado de Assis, nas colunas do *Correio Mercantil* também começava a ser publicado com o título de *O Mal Consideravel da Maior Parte dos Romances*, um opúsculo do finado Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama⁸, que além de ir *de encontro muitas vezes ás idéas sustentadas pela redacção desta folha* — como em nota alegava o próprio *Correio Mercantil*⁹ — ele ainda sustentava argumentos que ora se aproximavam e ora se diferenciavam aos expostos por Machado de Assis em seu artigo sobre o livro e o jornal.

⁷ Essa hipótese, que merece uma pesquisa mais detalhada, foi baseada no acompanhamento da versão primitiva do folhetim lido, no contexto do jornal, como matéria ligada ao noticiário do cotidiano do jornal *Correio Mercantil*, nas leituras do livro *Obra dispersa: Manuel Antonio de Almeida*, com introdução, seleção e notas de Bernardo de MENDONÇA, Rio de Janeiro, Graphia, 1991, 234 p. e do artigo de Cecília de LARA, *Memórias de um sargento de milícias: memórias de um repórter do Correio Mercantil?*, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros-USP*, n. 21, p. 59-84, 1980.

⁸ O Cônego da Capela Imperial, o Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, beneditino secularizado, nasceu aos 29 de novembro de 1791, na cidade do Recife, PE e faleceu nessa mesma cidade em 9 de dezembro de 1852. Conforme escreveu o Dr. Pedro Autran de Motta e ALBUQUERQUE, em biografia datada de 23 de abril de 1853, *foi o Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama optimo parente, amigo excellente, cidadão prestante, litterato consumado, e escriptos egregio. Seu nome será gravado em caracteres indeleveis nas paginas da historia do nosso Brasil*. Cf. ALBUQUERQUE, P. A. de M. *Biographia. Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, 20 maio 1853, p.1. A convite de Francisco de Paula Brito (1809-1861), Lopes GAMA publicou artigos e poesias no bi-semanário *Marmota Fluminense* a partir de 13 de agosto de 1852 até a sua morte. Em carta datada de 1º de agosto de 1852, dirigida a Paula Brito, Lopes GAMA informou que havia terminado de escrever *O Mal Consideravel da Maior Parte dos Romances*. Cf. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, 10 agosto de 1852, p.1. Este opúsculo foi dividido em treze artigos publicados pelo *Correio Mercantil*, de 12 de janeiro a 20 de fevereiro de 1859.

⁹ NOTÍCIAS Diversas. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1859, p. 1. Em sua justificativa, a redação deste jornal alegava que *sendo um trabalho litterario da pena do finado Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, merecia que se vulgarizasse, pelo bem que seu autor sabia manejar a lingua portugueza*.

A principal diferença entre Machado de Assis e o Padre Lopes Gama era sobre o conteúdo e o efeito das mensagens veiculadas pelos jornais e pelos livros, já que ambos concordavam que, enquanto eficácia apresentada por esses dois veículos de comunicação, o jornal era superior ao livro por conseguir atingir com mais velocidade e intensidade um número maior de leitores. Desta forma, enquanto Machado era convicto de que o desenvolvimento da imprensa-jornal era um sintoma, uma aurora de uma época de ouro, porque o *talento sóbe á tribuna commum; a industria eleva-se á altura de instituição; e o titão popular, sacudindo por toda a parte os principios inveterados das formas governativas, talha com a espada da razão o manto dos dogmas novos*,¹⁰ o Padre Lopes Gama exclamava que depois de o romance (por meio dos folhetins) invadir os jornais,

*não mais se procurou a árte nem as situações razoaveis, senão os logares communs, o que pôde excitar a curiosidade do momento e as paixões ignobeis. Dirigindo-se sempre aos sentidos, e não á intelligencia, elle sustenta muitas vezes a pureza do adulterio e da prostituição, o heroismo do suicidio, e hyppocritamente derrama a immoralidade com a pretensão de proclamar o bem.*¹¹

O título do opúsculo do Padre Lopes Gama publicado pela imprensa-jornal já deixava bem claro qual era a sua preocupação: os romances. Conforme analisava o *autor do sempre lembrado Carapuceiro*,¹²

Os romances são a leitura universal e teem-se tornado uma mania. Apenas sahem das innumeraveis fabricas da França, essas producções ephemeras, reduzidas pela maior parte a especulações de commercio, são logo avidamente traduzidas, e de ordinario com tantos e tão nojentos gallicismos, em uma linguagem

¹⁰ MACHADO DE ASSIS, O jornal... 12 jan. 1859, Parte 2, p. 2.

¹¹ GAMA, M. do S. L. O mal consideravel da maior parte dos romances, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1859, p. 2.

¹² Conforme escreveu Paula BRITO, quando em carta convida Lopes Gama a se tornar colaborador do seu jornal *Marmota Fluminense*. Cf. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1852, p. 1.

*tão bordalenga que, além do mal produzido pelo assumpto, accresce o da corrupção do idioma vernaculo. Já que não é possível, pois, acabar com essa peste, ao menos vós pais, vós maridos, vós tutores, vós todos, a quem a Providencia confiou a guarda e direcção da mocidade que tem de formar a futura geração, não consintais que os que vos estão subordinados leião sem previo exame esses escriptos insidiosos, que manso e manso vão infiltrando nos tenros e impressionaveis corações da juventude o veneno corrosivo da incredulidade, da indifferença religiosa e da santificação de todas as paixões.*¹³

Era necessário, de acordo com ele, mostrar quais seriam os inconvenientes morais de certos romances e novelas. O alvo da crítica recaía especialmente sobre os romances que eram vendidos *melhor que canella!*¹⁴ – como era o caso da obra *O Judeu Errante* (1844-1845), de Eugène Sue (1804-1857)¹⁵ – e que estavam impregnados das doutrinas do panteísmo e racionalismo derivadas da escola socialista. Conforme alertava o Padre Lopes Gama:

Quem lê attentamente essa alluvião de romances que andão por todas as mãos, sahidos pela mór parte da escola socialista e communista, não pôde deixar de conhecer que esses escriptos são uma systemática propaganda da mais funesta de todas as incredulidades, isto é, de pantheismo e racionalismo.

¹³ GAMA, M. do S. L. O mal..., 20 fev. 1859, p. 2.

¹⁴ GAMA, M. de S. L. *Observações criticas sobre o romance do senhor Eugène Sue: O Judeu Errante*. Pernambuco: Typographia de Santos e Cia., 1850. p. 25.

¹⁵ Em sua obra sobre a história do folhetim, Marlyse MEYER faz uma apresentação do impacto que teve na França a publicação de *Les mystères de Paris*, no *Journal des Débats*, a partir de 19 de junho de 1842 até 15 de outubro de 1843, do então desconhecido escritor Eugène Sue. A capacidade deste autor em descrever com vivas cores as dificuldades vividas pela população desvalida e trabalhadora do período em suas obras, o torna famoso a ponto de conseguir sufragar-se deputado socialista por Paris, em 1850, e de chamar a atenção da crítica literária e de filósofos como Bruno Bauer e Karl Marx. Cf. MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 69-84.

Ao passo que o atheu nega a Divindade, o pantheista pretende que a materia, o espirito, o universo, a natureza, tudo é Deus. Apparentemente nada há mais opposto que estas duas doutrinas; mas na realidade ellas vão parar nas mesmas consequencias praticas, porque ambas favorecem igualmente o egoismo, tirão da mesma sorte á virtude a esperança, ao crime os remorsos e a todas as más inclinações o importuno temor de um futuro eterno.¹⁶

Ainda conforme ele, apesar de parecerem à primeira vista belas e fecundas em bons resultados as identificações da razão com a fé e da religião com a filosofia, construídas por *alguns doutos e engenhosos allemães*¹⁷ dos séculos XVIII e XIX, elas eram irrealizáveis. Neste sentido, o intuito dos filósofos racionalistas de expor que a religião por compor-se de fatos e de dogmas, de milagres e de mistérios, bastaria, para conciliar fé e razão, mostrar que os milagres são fatos naturais ornados de fábulas e que os mistérios são verdades racionais revestidas de símbolos. No entanto, frisava Lopes Gama, tal escopo não seria alcançado,

fosse aliás qual fosse o talento desses escriptores, porque o genio nada pôde contra a natureza das cousas, e não é possível alterar a essencia destas. Tanta differença há entre as verdades racionais e as verdades sobre-intelligiveis da revelação que impossivel é confundi-las ou identifica-las sem as destruir. A analogia que existe entre umas e outras é muito importante: basta, sim, para dar das verdades reveladas uma explicação satisfactoria, necessaria a fé; mas não para as transformar em intelligiveis, porque uma analogia, e mais quando é muito remota, não é o mesmo que a identidade.¹⁸

Sobre os mistérios, estes, então, ou se entendiam no sentido das fórmulas reveladas e definidas pela igreja (as '*verdades sobre-intelligiveis*'), sem as alterar ou fazer-lhes outras

¹⁶ GAMA, M. do S. L. O mal... 12 jan. 1859, p. 2.

¹⁷ Id.

¹⁸ Id.

interpretações que violentassem os seus princípios; ou entendia-se de outra maneira. Assim, no primeiro caso, os mistérios seriam impossibilitados de serem reduzidos às verdades racionais ('intelligíveis'); já no segundo caso, escrevia o Padre Lopes Gama, *vem a parar-se n'uma completa burla; porque destróem-se essas formulas, sem as quais não é possível admittir nem mysterio nem revelação.*

*Se hoje tão pouco caso se faz dessa impossibilidade, se se encontram tantos escriptores que parecem disputar entre si sobre qual dirá mais mal dos mysterios sagrados da religião, isso nasce delles não conhecerem mais os dogmas do christianismo do que os dos habitantes da lua.*¹⁹

Por sua vez, se tais foram e tais eram as promessas e os esforços do racionalismo, e se isso bastava para contentar as opiniões que não passavam além da superfície das coisas, ele também reconhecia que as novelas e os romances dos alexandres dumas, dos eugénios sues e a maior parte dos escritos de George Sand não entravam nas discussões dessas matérias e nem ensinavam didaticamente os princípios do panteísmo e do racionalismo. Mas mesmo assim, para o vigilante Padre pernambucano os escritos desses autores

*...derramão-nos a larga mão nos caracteres, nas maximas, nas acções das suas personagens, as quaes fallão muito em Deus, em religião, em moral, em virtudes e vícios; mas não é no Deus dos christãos nem na religião revelada; é no Deus substancia única do universo, da qual todas as mais cousas, inclusive a alma humana não são senão phenomenos, reduzindo tudo, até a propria Divindade, ao mais cego fatalismo.*²⁰

As análises do Padre Lopes Gama vão se centralizar na maneira como o racionalismo estava penetrando insidiosamente em todos os setores da vida pública e privada, inclusive

¹⁹ Id.

²⁰ Id.

dominando a situação filosófica e religiosa do período, fazendo arrefecer a fé das pessoas nas doutrinas e nos dogmas cristãos.

Caracterizando-o pelos aspectos de *PREDOMINANCIA EXCLUSIVA DOS INSTINTOS, DAS IMPRECISÕES E TENDÊNCIAS MATERIAES; ENFRAQUECIMENTO E EXTINÇÃO DO ELEMENTO DIVINO DA NOSSA NATUREZA, ruptura, por conseguinte, de todo o equilíbrio no desenvolvimento das faculdades humanas*²¹, o Padre Lopes Gama considerava o racionalismo, *mesmo debaixo de diversas fôrmas e de nomes diversos*, o fato dominante da situação religiosa e filosófica contemporânea, podendo a sua influência ser percebida em toda a parte:

*...em toda a parte [o racionalismo] levanta a altiva cabeça, e a sua palavra é a do mando. Elle assenta-se nos conselhos dos chefes das nações, preside aos trabalhos dos corpos deliberativos, introduz-se no seio das famílias e no lar domestico. Elle desce ás ruas, penetra a officina, e o artista de intelligencia viva e coração caloroso, muitas vezes sem o saber, obedece ás suas aspeirações; a mesma infancia passa pela sua influencia, e elle chega a disputar á mãe christã a fé e a alma de seu filhinho. Quererá alguém a prova irrefragavel desse imperio? Abra os olhos procure o respeito. Busque este precioso sentimento, germen de toda a elevação moral, e verá que elle de dia em dia tende a afraçar, a desaparecer. Cada um crê-se independente, até o proprio menino! E esta é a prova mais palpavel da diffusão quase universal do racionalismo, se não como doutrina ensinada, ao menos como sentimento. Que vasta influencia não deve exercer este facto na civilização, no estado das idéas e dos costumes, na felicidade publica e domestica!*²²

Ao apontar o racionalismo como o *filho primogenito do panteísmo*, o Padre Lopes Gama elabora argumentos no sentido de mostrar como os filósofos alemães Kant, Fichte, Schelling e Hegel construíram os seus sistemas filosóficos em torno da idéia

²¹ GAMA, M. do S. L. O mal... 29 jan. 1859, p. 1. [grifo no original]

²² GAMA, M. do S. L. O mal... 12 jan. 1859, p. 1.

do panteísmo, bem como o panteísmo e seu filho, o racionalismo, foram difundidos pelos romances.

Para o autor do *Carapuceiro*, aqueles filósofos alemães desenvolveram os seus sistemas filosóficos a partir do racionalismo teológico encerrado nos escritos de Espinosa. Esta ponte entre Espinosa e Hegel não tem qualquer parentesco à sugestão apresentada por Gérard Lebrun de ser possível demonstrar que o conceito de história de Hegel (a *Geschichte*) é um conceito inteiramente ontoteológico proveniente de um rearranjo – genial – de significações espinosistas e aristotélicas.²³ Em outras palavras, o Padre Lopes Gama não relacionou esses dois filósofos através da meditação de Hegel sobre a carta de Espinosa acerca do infinito – como lembrou Lebrun – mas compreendeu Hegel pela via parisiense e sob a chancela de Victor Cousin.²⁴

Cousin, em um artigo publicado na *Revista Francesa*, no qual ele descreveu a sua viagem à Alemanha, diz que Hegel agradou-lhe sobremaneira, entre outras coisas, porque era um espírito de liberdade sem limites, porque submetia às suas especulações todas as coisas, assim as religiões como os governos, as artes, as ciências, e punha acima de tudo a filosofia. *Eu estava dominado de respeito – diz Cousin – ao christianismo, e até mesmo ao catholicismo (note bem este ‘até mesmo’)* [destaca o nosso Padre beneditino secularizado] *mas então, bem como hoje, eu estava persuadido que a razão póde comprehender um e outro, por isso que os deve aceitar.*²⁵

A razão seria, então, a senha para desvelar quaisquer dos mistérios que envolvessem o cristianismo e o catolicismo. No entanto, para o Padre Lopes Gama, essa perspectiva panteísta e racionalista de abordar os assuntos relativos à religião era uma artimanha de linguagem que escondia o seu autêntico teor, que

²³ LEBRUN, G. Hegel e a neutralização do tempo. In: _____. *Passeios ao léu*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 31.

²⁴ Os escritos do filósofo eclético Victor COUSIN caíram como uma luva aos propósitos políticos da geração letrada brasileira nascida com o Império, como salientou Jefferson CANO. Cf. CANO, J. *O fardo dos homens de letras: o “orbe literário” e a construção do Império brasileiro*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. p. 276-284.

²⁵ GAMA, M. do S. L. O mal... 21 jan. 1859, p. 2.

era o de caçoar da religião. Neste sentido, conjectura Gama, os filósofos panteístas, fazendo todas as suas censuras e genuflexões à religião, falariam mais ou menos da seguinte forma:

Nós vos respeitamos e adoramos sinceramente, porque sois a fôrma da verdade em si mesma, bella fôrma, ingenua, admiravel, sublime, util e favoravel aos meninos e ao povo, necessaria até o dia em que a humanidade tiver vestido a toga viril; mas, sem vos servir de desagravo, vós sois na realidade mais do que uma simples fôrma, e as fôrmas não podem durar sempre, pois que, á medida que a civilização se propaga entre os homens, ellas vão-se apagando pouco a pouco e cedendo logar ás idéas. Tempo virá em que todos os homens, ou quase todos, sendo philosophos, não precisarão mais do culto, dos symbolos, dos mysterios e dos padres. Então tornar-vos-heis inutil e desapareceria do commercio dos homens. Mas como essa época está muito remota, ainda é mui numerosa a multidão dos ignorantes, sois por hora necessaria ao mundo. Eis a razão por que vos amamos e reverenciamos profundamente, contentando-nos de suspirar por esse dia afortunado em que vos possamos dispensar, apressando a sua chegada com todas as nossas forças. Entretanto haveis de permittir-nos que no que nos diz respeito em particular usemos plenamente de todos os privilegios que tem de trazer o futuro, e em tudo procedermos como convem a philosophos. Temos tomado posse anticipadamente da civilização futura; justo é gozemos de suas prerrogativas desde já. Nós louvaremos as vossas fôrmas sem nos servimos dellas, contentando-nos de as deixar subsistir. Pregaremos a necessidade da fé, professando a incredulidade. Diremos á juventude e aos simples: 'Crêde, porque ainda não sois dignos nem capazes de ser philosophos, e a fé convem aos moços e aos simples'. Em resumo fallaremos de Jesus Christo com profundissimo respeito, mas estaremos em comunhão de doutrinas e pensamentos com os seus maiores inimigos: conservando o nome de christãos, volveremos á philosophia do paganismo, e será isto um verdadeiro progresso. Se vos vier á idéa o não

*aprovar a nossa doutrina, afirmando que os vossos mysterios não são symbolos; que os vossos ritos não são meras formas privadas de toda a efficacia; que vossos dogmas são verdades reaes a que a razão do homem não póde chegar; que o christianismo é outra cousa que não uma poesia ou uma mythologia philosophica; contentar-nos-hemos de dizer que sois uma velha pateta, que haveis alterado o sentido de vossas doutrinas e não sabeis mais o que dizeis. Nós vos trataremos como aos infelizes que por qualquer accidente perdêrão o juizo; guardando todo o respeito para com a vossa pessoa, teremos compaixão do vosso delirio e declarar-vos-hemos por louca.*²⁶

Ou seja, para o Padre Lopes Gama uma vez admitido que o homem não possui outra revelação senão a da razão; que só dogmas racionais são as verdades que ele pode conhecer e é obrigado a crer; que toda a religião, e conseqüentemente o cristianismo, não é outra coisa mais do que a intuição natural e espontânea do verdadeiro revestido de formas poéticas; que a única fé possível não pode ser senão o ascenso do intellecto às verdades conhecidas só pelas forças da razão; ficaria evidente, deste modo, que a igreja ficaria sem nenhuma autoridade, porque, em verdade, qual seria o objeto dessa autoridade? Os dogmas? Só a razão os fornece: à filosofia pertence admiti-los ou rejeitá-los e determinar o seu valor real. E os símbolos? Mas estes não seriam senão imagens arbitrárias por si mesmas, indiferentes, accidentais, sem nenhum valor intrínseco; pois com que fundamento prescreveria a igreja uns com exclusão dos outros, e bem assim nos mandaria preferir os símbolos cristãos aos de outros cultos? Enfim, a filosofia nada tem que fazer com símbolos, nem deles carece.

Não haveria, então, meios de identificar razão e fé, a filosofia com a religião; cuja identificação proposta pelos filósofos seria mais uma forma de subsumir os mandamentos divinos às fórmulas humanas: o que seria para o Padre Lopes Gama uma atribuição da soberba humana, pois admitiria-se que o finito deveria prevalecer sob o infinito, que as forças divinas eram inferiores às humanas.

²⁶ Id.

Na leitura do Padre Lopes Gama, foi esse o propósito da empreitada filosófica realizada por Kant, Fichte, Schelling e Hegel. E tal empreendimento, ainda de acordo com ele, foi absorvido e difundido pelos romancistas da escola socialista, em que figuravam Alexandre Dumas, Eugène Sue, George Sand.

A sua maior crítica recaía sobre os escritos de Eugène Sue. Na sua obra *O Judeu Errante* (1844-1845), Sue criou a personagem do jesuíta Gabriel, o seu padre segundo Cristo, para lhe pôr na boca a positiva e manifesta reprovação do sacramento da penitência, e bem assim do dogma das penas eternas da outra vida. Este romance procurava nos discursos das personagens mais importantes, arrancar dos corações dos seus leitores a crença em dogmas fundamentais da religião católica.

*Eugène Sue — escreveu Lopes Gama — no seu abominavel 'Judeu Errante' parece um fiel discipulo do philosopho de Genebra [refere-se a Rousseau]. Protestante apaixonado, o seu odio ao catholicismo apparece em quase todos os seus romances; e as personagens do seu drama não funcção senão para proferir maximas de incredulidade.*²⁷

Apesar de concordar que existiam alguns elogios de Sue ao Evangelho, o Padre pernambucano, no entanto, afirmava que tais elogios eram de nenhuma valia, pois o romancista francês *procurou tirar toda a força e importancia ao christianismo, á religião revelada*. Donde concluía: *se as crenças nada influem nas acções humanas, que ter ou deixar de ter religião são cousas indifferentes. Que doutrina tão commoda ás paixões! Que bello ensino para a mocidade!*²⁸ Além disso, ainda propagava-se a tese de que os jesuítas eram indivíduos maquiavélicos, capazes inclusive de assassínios para promover os próprios interesses.

Ao que tudo indica, para os padrões da época foi enorme a popularidade adquirida por essa obra de Eugène Sue. Aqui no Brasil Imperial, na luta entre ultramontanos e liberais, em meio a um sentimento anticlerical que pairava no ar, muitas vezes a obra *O Judeu Errante* vinha à baila. Exemplo disso foram as discussões ocorridas na Câmara dos Deputados após ser lida em Sessão de

²⁷ GAMA, M. do S. L. O mal... 15 fev. 1859, p. 2.

²⁸ Id.

25 de junho de 1845 o *Requerimento dos Padres da Congregação da Missão Brasileira*, localizada na serra da Caraça (na província de Minas Gerais), para que lhes fosse dada a permissão para receber no seu seio mais padres provenientes da França e para prestar obediência direta, apesar do disposto no código criminal do Império brasileiro, ao seu superior geral em Paris, com o fim de restabelecer o vínculo que a ele os ligava.²⁹ No calor dessa discussão, o deputado Rodrigues dos Santos ao interrogar se esses padres franceses não pertenceriam à Companhia de Jesus, se não seria essa uma maneira de os jesuítas disfarçados quererem sorrateiramente entrar no país, recorria à autoridade de Eugène Sue em suas declamações contra os jesuítas.

*Conheço que o 'Judeu Errante' está em moda — afirmava o deputado Rodrigues dos Santos — não tenho dificuldade, nem me envergonho de confessar que as idéas propagadas nesse livro cheio de espirito e de erudição tem feito impressão em mim, e não hesito em declarar que em minha opinião o autor do 'Judeu Errante' tem feito e ha de fazer muitos beneficios á humanidade... [...] Tão importantes são os resultados de sua obra, que veja-se o que tem acontecido a esse escriptor: consta que tem soffrido encarnizada guerra da parte dos jesuitas, que hoje novamente procurão rehabilitar-se na Europa: até me consta que actualmente está proximo á morte este escriptor, em consequencia do veneno que lhe foi propinado por intrigas dos jesuitas.*³⁰

No mesmo diapasão, um dia depois da Sessão em que havia se pronunciado Rodrigues dos Santos, o deputado Alvares Machado declarava que ainda não lhe havia chegado o *facto verdadeiro ou falso de terem os jesuitas propinado veneno ao insigne poeta, ao generoso romancista e digno patriota francez*, quando, ao ler a parte d'O *Judeu Errante* que tinha chegado ao

²⁹ EXPEDIENTE da Câmara dos Deputados em Sessão de 25 de junho de 1845. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1845, p. 1.

³⁰ CAMARA dos deputados. Sessão em 17 de julho de 1845. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 19 jul. 1845, p. 2. Também citado em MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix; Ed. da USP, 1977/1978. p. 326. v. 2: 1794-1855.

Brasil, dissera consigo mesmo: *a segurança deste escriptor interessante corre muito risco. Não me admirei pois quando o meu collega por S. Paulo disse hontem que havia lido nos papeis francezes que Eugène Sue tinha sido envenenado pelos jesuitas.* Nesse seu comentário, o deputado Alvares Machado ainda acrescentava:

*Não esperei, Sr. presidente, ver da parte de alguns senhores desta casa, uma estranheza tão grande, por avançar-se que os jesuitas tinham envenenado a Eugène Sue. Senhores, não se deve avançar da tribuna uma proposição improvavel; não sei que provas possam ter os Francezes de Paris dos crimes pelos quaes são accusados os jesuítas; póde muito bem ser que as paixões da época, circumstancias estranhas, odio dos contrarios, intervenhão nessas accusações; póde bem ser que os jansenistas sejam os inventores desses estigmas lançados contra os mollinistas, e é por isso que eu não quero entrar na questão de Eugène Sue; mas estou convencido de que os jesuitas são capazes de praticar essas atrocidades; eu não quero convidar aos meus illustres collegas para ver na Itália, nesse formigueiro de jesuitas o que elles ali fazem; não os quero convidar para que vão a Suissa ver esses padres brandindo o archote da discordia, voltando ás furias da guerra civil e da anarchia, cevando a sua colera, saciando o seu prazer na contemplação do sangue dos seus inimigos, derramado nos cadafalsos.*³¹

Ainda nesse ambiente anticlerical, mas que procurava evidenciar que a causa dos jesuítas não era a causa do clero brasileiro, José Rodrigues Nunes Filho dizia num artigo intitulado *Algumas Palavras sobre Eugène Sue*, publicado pelo periódico baiano *O Mosaico*, que o famoso escritor francês escreveu o romance *O Judeu Errante* por encomenda do rei Luís Felipe. Em resposta a este artigo, o pernambucano Antônio Pedro de

³¹ CAMARA dos Deputados. Sessão em 18 de julho de 1845. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1845. p. 2. Também citado em MARTINS, op. cit., p. 326. (Errata: onde Wilson MARTINS escreveu Andrada Machado, leia-se Alvares Machado.)

Figueiredo (1814?-1859) contesta esta afirmação de José Rodrigues Nunes Filho ao publicar na revista pernambucana *O Progresso*, de 20 de julho de 1846, a seguinte réplica:

*Nós pudéramos igualmente deixar sem resposta a asserção de ter sido 'O Judeu Errante' encomendado por El-Rei Luís Filipe. Com efeito, não há aí uma pessoa que ignore que, desde que os reis de França se emanciparam completamente da tutela dos papas, o ultramontanismo há sido em suas mãos um potente instrumento de despotismo; e na verdade, S. M. Luís Felipe não é de sorte alguma inimigo dos Jesuítas, como provam as recentes perseguições que sofreram MM. Michelet e E. Quinet, por terem querido atacar a Companhia de Jesus, nos cursos que ambos professaram no colégio de França. A obra de Eugène Sue foi inspirado pela reação liberal, contra as maquinações desta Companhia para recobrar a sua antiga influência. E por outro lado, quem vende uma obra sua por quarenta contos de réis a um especulador que torna a vendê-la imediatamente por oitenta contos, não carece de se pôr a mercê de ninguém. As duas últimas obras do Sr. Eugène Sue, além de mérito literário, que não há pouco há contribuído a exaltar a reputação do autor, são inspiradas por idéias filosóficas puras e elevadas, e respiram um generoso sentimento em prol das classes oprimidas, e uma nobre tendência para as reformas sociais, coisas estas que, posto que não devam dar ao autor o privilégio da inviolabilidade, todavia impõem à crítica o dever de ser para com ele séria e benévola.*³²

Bem no espírito da geração *quarante-huitarde* em Pernambuco – na expressão de Vamireh Chacon³³ – Antônio

³² O *PROGRESSO*: revista social, literária e científica. (1846-1848). Organização e prefácio de Amaro Quintas. Recife: Imprensa Oficial, 1950. t. 1, p. 127. Edição fac-símile. apud MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP, 1977/1978. p. 339. v. 2: 1794-1855.

³³ CHACON, V. *História das idéias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. A geração *quarante-huitarde* em Pernambuco, p. 23-98.

Pedro de Figueiredo detectava na obra de Eugène Sue a exalação de *um generoso sentimento em prol das classes oprimidas, e uma nobre tendência para as reformas sociais*. Seria interessante neste ponto de nossa exposição, mas sem entrarmos aqui no mérito de mostrar se Figueiredo era um intelectual socialista, isolado ou se a sua influência foi grande e repercutiu no resto do Brasil, perceber que, enquanto discurso, outras análises, como as dos pernambucanos José Ignacio de Abreu e Lima e do próprio Lopes Gama eram realizadas em termos de luta de classes, que precediam o próprio *Manifesto Comunista* de Marx e de Engels, de 1848.

No seu *Bosquejo Histórico, Político e Literário do Brasil*, publicado em 1835, o General de Bolívar — como era denominado Abreu e Lima por incorporar-se ao exército de Simão Bolívar e lutado nas batalhas decisivas pela liberdade da Colômbia e da Venezuela — salientava que a nossa população era dividida em dois grandes grupos, livres e escravos, que, por sua vez, se subdividiam em outros grupos ou *familias distintas*, como ele chamava aos subgrupos, *tão opostas e inimigas umas das outras como as duas grandes secções entre si*. E acrescentava:

*Que somos todos inimigos e rivais uns dos outros na proporção de nossas respectivas classes, não necessitamos de argumentos para provar-o, basta que cada um dos que lerem este papel, seja qual for sua condição, metta a mão na sua consciencia e consulte os sentimentos do seu coração.*³⁴

Já o Padre Lopes Gama enunciava princípios predecessores do próprio Marx de um modo ainda mais nítido ao escrever no *Sete de Setembro*, de 4 de novembro de 1845:

Em todos os países, e em todas as épocas essas classes privilegiadas, ciosas das vantagens que possuíam,

³⁴ LIMA, J. I. de A. e. Apud FREYRE, G. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. xl. Recentemente, Vamireh CHACON volta a chamar nossa atenção para as implicações teóricas dessa observação de Gilberto FREYRE em sua própria obra *Sobrados e mucambos*. Cf. MIRANDA, M. do C. Tavares de. (Org.). *Que somos nós?* In: SIMPÓSIO 60 ANOS DE SOBRADOS E MUCAMBOS, 2000. Recife: FJN; Massangana; Núcleo de Estudos Freyrianos, 2000. p. 61-67.

*desveladas por estendê-las todas as vezes que julgaram oportuno o ensejo, já por egoísmo, já por orgulho, e cobiça, sempre procuraram manter-se em um poder discricionário, e por isso sempre se constituíam em guerra permanente com os povos por elas deserdados e oprimidos. [...] Todas as páginas da História oferecem-nos exemplos desta verdade. Tal foi em Roma a luta entre plebeus e dos patrícios; tal na Revolução Francesa a dos comuns nascentes contra o feudalismo; e ainda hoje, pode-se dizer, que é a grande questão de todo o mundo civilizado.*³⁵

Depois do 1848 ocorrido no Recife, até a linguagem de um revoltado contra as injustiças sociais utilizada pelo Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama é modificada. Ao observar, em agosto de 1852, que o Rio de Janeiro era sem dúvida uma grande cidade por sua população, por sua indústria, por seu comércio, por sua riqueza, pelos cômodos e regalos da vida que oferece a quem tem dinheiro, Lopes Gama escrevia que isso todos já sabiam:

*...porque não há paiz algum onde isto que se chama CONFORTAVEL chegue para o pobre. Os communistas bem quizeram anivellar tudo, arrancando as riquezas ao laborioso, ao intelligente, ao economico, para as repartir pelo vadio, pelo estúpido, e pelo perdulario; porem, de taes philantropos Deos nosso Senhor nos livre e guarde.*³⁶

Sendo assim, se de um lado Antônio Pedro de Figueiredo defendia Eugène Sue por este se mostrar, através das suas personagens literárias, engajado pelas mudanças insurrecionais da sociedade; doutro lado, no que se refere à obra *O Judeu Errante*, era evidente que o sucesso deste livro devia-se, sobretudo, ao fato dela ser antijesuítica. Por isso, a ojeriza de Lopes Gama pelas obras de Eugène Sue, pois, além de o Padre

³⁵ CHACON, op. cit., p. 86

³⁶ GAMA, M. do S. L. O philosopho provinciano na côrte, a seu compadre na provincia: carta 1. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1852, p. 1. [grifo no original]

pernambucano ser contra todo engajamento insurrecional, ele também fazia juz à sua formação sacerdotal ao polemizar com os descrentes que faziam objeções aos dogmas católicos — e atacavam os jesuítas.

Para termos uma idéia da concepção conservadora do Padre Lopes Gama sobre as insurreições, convém saber que ele considerava que o maior acontecimento dos tempos modernos, depois da reforma e do racionalismo, era sem dúvida *a grande revolução franceza de 1789*. Mas na verdade — escrevia ele — a Revolução Francesa de 1789

*...não foi senão incredula, atheista, profundamente anarchica e subversiva de toda a ordem social; revolução que reprovoo altamente como impia e funesta, como um dos maiores attentados que nunca jámais se perpetuou contra Deus e contra a humanidade. Sob o seu reinado que crimes não alagárão a terra! Deus permitiu esse diluvio de crimes e de desgraças, porque uma sociedade saturada de tantos vícios, de tantas torpezas, havia mister ser castigada e soffre a durissima lei da expiação.*³⁷

Na sua apologética, com sua componente polêmica essencial, o Padre Lopes Gama argumentava a favor dos cinco dogmas fundamentais da religião cristã (a existência de Deus, a criação, a culpa original, a reparação e o juízo) e procurava mostrar como a escola racionalista, através dos romances, vinha influenciando a vida social. Por isso, conforme ele denunciava, devia-se dar toda a atenção aos conteúdos e às conseqüências das leituras dos romances prediletos e constantes da mocidade de ambos os sexos, já que esses romances, em sua maioria, eram qualificados por outros tantos compêndios de panteísmo, de materialismo, de incredulidade. Tal menosprezo às crenças que fundamentam os bons costumes por escritores ímpios e imorais era um atentado contra a civilização.

Não há cousa que arrastre apoz si mais funestas consequencias do que a lição dos livros impios e

³⁷ GAMA, M. do S. L. O mal... 30 jan. 1859, p. 2.

*imoraes; porque o effeito natural, inevitavel e necessario dos máos livros é tirar inteiramente aos povos a sua razão, a sua consciencia, a sua civilização, e se possivel fosse a sua propria existencia, de maneira que o crime dos máos livros pôde-se chamar um crime excepcional, um crime de lesa-nação, de lesa-humanidade. Em verdade o primeiro e infallivel effeito de taes livros é o attentar contra a intelligencia nacional de um modo capaz de embaraçar o progresso das luzes e da dignidade da razão. Outr'ora um escriptor dizia consigo – isto é verdade. E dahi procurava estebelecê-la; suas provas erão mais ou menos solidas, seu livro mais ou menos feliz; porem, se a verdade nem sempre existia em suas paginas, havia pelo menos respeito á razão e ao publico decoro. Mas hoje esses escriptores irreligiosos dizem – nomeada antes e acima de tudo: e para chegar a essa nomeada abandonão a verdade e atirão-se aos sophimas, de sorte que ir de encontro ao bom senso e á crença dos seculos, derroca todas as idéas recebidas, sustentar absurdos, defender paradoxos, devanear em summa com talento, eis a analyse fiel da maior parte das novellas e romances modernos.*³⁸

Na sua obstinada crítica ao escritos dos eugênios sues, dos georges sands, dos alexandres dumas, de que por meio dos escritos desses autores o vírus do racionalismo, do pantheismo e do communismo inocula-se insensivelmente na sociedade, e vão-se aluindo nos espiritos os dogmas da santa religião de nossos pais, o Padre Lopes Gama advertia que caso tal decadência intelectual viesse a ser completada ela nos levaria a uma especie de idiotismo publico, situação fatal de um povo estragado e corrompido, cuja vida retirando-se das faculdades sublimes, vem a ser absorvida pelas sensações que muito nos approximão dos brutos.³⁹

Como tais obras chegavam ao público por meio das traduções e da imprensa — e, para o Padre Lopes Gama, a acção desses livros, rapida como o pensamento, assenhorêa-se do tempo

³⁸ GAMA, M. do S. L. O mal... 18 fev. 1859, p. 2.

³⁹ Id.

e do espaço⁴⁰ – convém procurar saber um pouco mais como as obras de Eugène Sue circulavam e eram lidas por aqui.

Publicado no conservador periódico parisiense *Journal des Débats*, de 19 de junho de 1842 até 15 de outubro de 1843, *Les mystères de Paris*, de Eugène Sue, foi traduzido por Justiniano José da Rocha e publicado no rodapé do conservador e oficioso *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro de 1º de setembro de 1844 a 20 de janeiro do ano seguinte. O reclame feito em letras grandes e em caixa alta na última página de anúncios deste jornal da Corte, em 1º de outubro de 1844, da publicação do primeiro volume “*Mystères*” e a velocidade com que o tradutor realizava o seu trabalho⁴¹ são indicações da receptividade do público para essa obra de Sue.

Como peça de teatro, este *best-seller* foi representado na solenidade do aniversário do juramento da Constituição no Teatro de São Pedro de Alcântara, em 25 de março de 1851.⁴² Tal lembrança deste drama, levou o repórter da *Pacotilha* do jornal *Correio Mercantil* a comentar, num trocadilho com a personagem o Churinada, deste drama, que a *constituição, que tantas churinadas [mutilações] tem levado, há de ser aplaudida e festejada pelo grande Churinada [D. Pedro II]*.⁴³

No mesmo *Correio Mercantil*, há pelo menos duas alusões à obra de Eugène Sue. A primeira, inserida na *Nona Pacotilha*, noticiava:

⁴⁰ Id.

⁴¹ De acordo com Salvador de MENDONÇA (1841-1913), Justiniano José da Rocha tinha uma exuberante capacidade de trabalho: *Se o não tivesse eu visto trabalhar – alegava Mendonça – dificilmente acreditaria que dentro de um só mês pudesse encaixar a tradução de três volumes dos ‘Mistérios de Paris’ ou de dois e meio do ‘Conde de Monte Cristo’. Mas vendo-o na sua comprida varanda a ditar sucessivamente a dois escreventes, colocados nos extremos do compartimento, ora do capítulo da mão esquerda, ora do capítulo da mão direita, com o só intervalo do passeio de uma à outra mesa, compreendi a vantagem do sistema, que já pus também em prática e recomendo aos que tiverem de ditar traduções com pressa.* MENDONÇA, S. de. *Cousas do meu tempo. Revista do Livro*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 20, p. 107-198, dez. 1960. (Foi Jefferson Cano, a quem agradeço, que me pôs a conhecer esta indicação.)

⁴² ESPETACULOS. *Theatro de S. Pedro de Alcântara. Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1851, p. 4.

⁴³ SETIMA Pacotilha. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 23-24 mar. 1851, p. 2.

*Lá foi para França certo cavalheiro em científica missão. Vai ali publicar os 'Mysterios do Rio', sendo as personagens de tal poesia os moradores desta capital, principalmente os da Rua do Ouvidor. O poeta ca ficou esperando a publicação para a fazer distribuir, já se sabe anonymamente.*⁴⁴

A segunda, Manuel Antônio de Almeida escreve na *Pacotilha do Correio Mercantil* de 4 de julho de 1852, no texto que antecede o segundo capítulo das *Memórias de Um Sargento de Milícias*, que já tem escrito nove capítulos e que se Deus lhe der vida e paciência, irá ainda mais longe, e tem plano formado para uns '*Mistérios do Rio de Janeiro*'.⁴⁵ Essas menções à obra de Sue nos deixa mais uma evidência da sua repercussão junto ao círculo de escritores e leitores da Corte Imperial.

Em pesquisa realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, encontrei traduções de obras de Eugène Sue, como *Os Mysterios do Povo ou Historia de Proletarios desde os Seculos mais Remotos até á Fundação da Republica Franceza* (Rio de Janeiro, Typographia de Domingos Luiz dos Santos, 1878), publicadas seguidamente em diversos números de almanaques do período, que podem denotar a receptividade popular às obras do escritor francês.

Além de Miguel do Sacramento Lopes Gama⁴⁶, o livro *O Judeu Errante*, de Sue também instigou Antonio Lucio Maggessi Tavares a escrever duas críticas: *Breves Reflexões, sobre Algumas Materias Contidas nos 4 Primeiros Volumes do [O] Judeu Errante*⁴⁷ e *Demonstração dos Erros e Contradições mais Notaveis da Obra d'Eugène Sue, intitulada O Judeu Errante, ate (e com*

⁴⁴ NONA Pacotilha. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 6-7 abr. 1851, p. 2.

⁴⁵ ALMEIDA, M. A. *Obra dispersa*. Introdução, seleção e notas de Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1991. p. 187.

⁴⁶ GAMA, M. do S. L. *Observações críticas sobre o romance do senhor Eugène Sue: O Judeu Errante*. Pernambuco: Typographia de Santos e Cia., 1850. 94 p.

⁴⁷ TAVARES, A. L. M. T. *Breves reflexões, sobre algumas materias contidas nos 4 primeiros volumes do [O] Judeu Errante*. Lisboa: Imp. Lusitana, 1845. 32 p.

especialidade) ao nono tomo da mesma⁴⁸. Apesar de impressas em Portugal, tais críticas de Tavares por estarem arquivadas na Biblioteca Nacional do Rio deixam indícios de que elas provavelmente foram lidas pelos brasileiros.

Após a morte de Eugène Sue (1804-1857), um autor que assinava com as iniciais R. de A. P. (que numa vez foi grafada R. D. A. P.) publica no *Jornal dos Typographos* quatro artigos comentando as obras do escritor francês.

O *Jornal dos Typographos*, com quatro páginas em cada número e com todas as seções clássicas dos grandes jornais de sua época, veio a lume a 10 de janeiro de 1858. Era uma folha diária editada na Corte do Rio de Janeiro pelos compositores tipográficos que até o dia 8 de janeiro de 1858 trabalhavam nas empresas *Jornal do Commercio*, *Diario do Rio de Janeiro* e *Correio Mercantil*. Como simultaneamente os seus pedidos de aumento de salário foram negados por esses três jornais, também simultaneamente os compositores tipográficos cruzaram os braços a partir de 8 de janeiro, ficando no dia 9 a capital do nosso país sem jornais. Financiada pela Imperial Associação Tipográfica Fluminense, os grevistas e demissionários põem a circular o *Jornal dos Typographos* como fundo de greve. Com este título, o jornal circulou diariamente até o seu número 60, de 12 de março de 1858.⁴⁹

Além de ser o ganha-pão dos compositores tipográficos grevistas e demissionários dos três maiores e mais importantes jornais da Corte Imperial daquele momento, o *Jornal dos Typographos* também era o campo cultural desses operários e

⁴⁸ TAVARES, A. L. M. T. *Demonstração dos erros e contradicções mais notaveis da obra d'Eugène Sue, intitulada O Judeu Errante, ate (e com especialidade) ao nono tomo da mesma*. Lisboa: Imp. de Galhardo, 1845. 74 p.

⁴⁹ Através deste jornal, os compositores tipográficos da Corte Imperial estavam construindo uma identidade coletiva, tendo em vista a valorização sócio-econômica do seu ofício. Uma análise dessa questão pode ser encontrada no artigo de minha autoria: VITORINO, A. J. R. Escravismo, proletários e a greve dos compositores tipográficos de 1858 no Rio de Janeiro. *Cadernos AEL*, Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, v. 6, n. 10/11, 1999, p. 69-106. Sobre esta greve, ver também de QUEIROZ, M. V. de. As primeiras lutas operárias no Brasil. *Revista do Povo*, v. 2, n. 12, p. 32-33, 37-38, 1946

demais trabalhadores. E, aqui, campo cultural não deve ser entendido no sentido atribuído por Pierre Bourdieu ao termo campo, em diversas de suas obras; mas, sim, como as atividades ligadas à produção e distribuição de artefatos textuais, que são os meios de comunicação das práticas discursivas dos tipógrafos tanto sobre o trabalho tipográfico e sobre a cultura de um modo geral (ou seja, como tudo o que resulta do trabalho e da elaboração humana), como expressão dos tipógrafos de sua prática efetiva no trabalho.

Não foi à toa que os artigos sobre os livros de Eugène Sue foram publicados no *Jornal dos Typographos*, pois além deste jornal ser no período financiado e editado exclusivamente pelos compositores tipográficos, havia neste periódico um cruzamento entre o mundo da escrita e o mundo do trabalho que ocorria na profissão dos tipógrafos e era tema de fundo para os comentários das obras de Sue.

Tanto Eugène Sue como seu comentador no *Jornal dos Typographos* escreviam sobre o mundo do trabalho. Neste ponto de intersecção entre o mundo do trabalho e o mundo da escrita, não seria demais lembrar o que Jacques Rancière denominou de *trânsfugas*: aqueles indivíduos que estão fora do mundo trabalho, mas que são os que melhor conseguem forjar uma identidade de classe para os trabalhadores no mundo da representação da escrita e no mundo da política institucional.⁵⁰

Além disso, a profissão tipográfica representava um trabalho especializado, pois quem exercia esse ofício realizava tanto uma atividade mecânica quanto uma atividade intelectual. Este ofício era concebido como uma arte, porque além dele ser um trabalho manual que necessitava de inteligência e disciplina para compor as letras no componedor e imprimi-las nos prelos, esse mesmo ofício ainda exigia o domínio da representação

⁵⁰ Em seus estudos sobre a formação da identidade operária na França dos anos 1840, Jacques RANCIÈRE demonstra a descontinuidade que existiu nesses anos entre a mentalidade do operário que expressa a si mesmo em poemas e jornais operários e aquele que se vê vivendo no contexto cotidiano da oficina. Para ele, entre estes dois estados mentais existe uma ruptura simbólica que é constituída pela entrada na arte de escrever, isto é, no domínio da literatura. Cf. RANCIÈRE, J. *A noite dos proletários*: arquivos do sonho operário. Tradução de Marilda Pedreira. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. 439 p.

escrita, tais como as profissões liberais da época, fazendo-se dela uma atividade criativa.

Os tipógrafos tinham, então, a sua profissão localizada em um estrato intermediário, pois a sua arte estava abaixo dos negociantes de “grosso trato” (os grandes comerciantes), dos eclesiásticos, funcionários e também das profissões liberais (médicos, advogados); mas ficava acima da grande maioria da população urbana do período, trabalhadores braçais que não tinham nenhuma especialização.⁵¹

Mesmo explicitando que não era *filho do povo, mas que nasci para o povo*, o comentador da obras de Sue, R. D. A. P., escrevia que não podia deixar de lastimar a sorte do artista: *para elle esta vida é longa e triste como o caminho do exilio, por onde se vai estendendo um longo fio de lagrimas!...* Isto veio-lhe à pena ao exprimir como na senda de *O Judeu Errante* estava o artista errante Asvherus, evocado por Sue lá das crenças norte-européias. Ao centralizar o seu romance no artista desgraçado Asvherus, Sue defendia a causa do povo e assim fazia notar — conforme escrevia o seu comentador - que

É grande e nobre a missão do artista!... no seu braço, que o faz viver, e que sustenta o equilibrio social; no seu braço, que produz toda a grandeza e toda a riqueza, corre um sangue mais nobre do que no

⁵¹ No plano teórico, a atitude em relação ao trabalho se alterou na França e em Portugal. Como apontou William SEWELL para o caso francês, a fundamentação conceitual da estrutura corporativa do Antigo Regime assentava num conceito de trabalho distinto do atual. A reflexão filosófica liberal provocou uma completa modificação no conceito de trabalho: de castigo divino, conseqüência do pecado, torna-se o trabalho a base da felicidade. Esta alteração foi, em grande medida, realizada ao século XVIII pelo pensamento liberal dos enciclopedistas franceses (tendo à frente Diderot, como sublinha SEWELL). Cf. SEWELL, W. *Work and revolution in France: the language of labor from the Old Regime to 1848*. Cambridge: University Press, 1980. p. 62-86, cap. 4. Baseando-se neste autor para investigar como o conceito de trabalho se alterou, Miriam Halpern PEREIRA também detecta em Portugal, de 1820 a 1840, uma modificação: ao conceito específico do trabalho, próprio do antigo ofício das corporações, sobrepõe-se o conceito abstrato de trabalho, no âmbito da ideologia liberal. Cf. PEREIRA, M. H. *Artesãos, operários e liberalismo: dos privilégios corporativos para o direito ao trabalho (1820-1840)*. *Ler História*, Lisboa, n. 14, p. 41-86, 1988.

*daquelles que quando abrem pela primeira vez os olhos para este mundo achão-se senhores de uma avultada fortuna, e o que mais é, de uma posição social, sem fazerem o mais leve esforço para grangearem uma outra. É grande e nobre a missão do artista! ...e um dia virá e que elle, melhor conhecendo a sua dignidade, deixará de curvar a fronte diante daquelles que o querem opprimir e aviltar! ...oh ouro! ...oh ouro! ...tu és a divindade mais adorada dos homens, e a única que não tenha, diga-se a verdade, um único hypocrita na sua seita! ...quantas consciencias perdidas, quantas almas pervertidas por causa do seu esplendor!...*⁵²

Neste sentido, ainda no entender do comentarista das obras de Sue, *associar-se* seria o melhor meio para o artista vir a conhecer a sua dignidade. E *Eugenio Sue* mostrou a utilidade da associação:

*Todos sabem que a associação é a base de todo o poder, a alma e a vida das classes. Com uma só vontade formamos uma só familia, sem dissensões ou odios mesquinhos, que lhe aniquilão as forças; uma classe torna-se uma potencia social. A colmeia é a natureza mostrando-nos a utilidade de tal principio; a abelha, esse animal tão vivo e intelligente, trabalhando com suas companheiras para um fim commum, é uma grande prova dessa verdade irrefragavel e de grandes bens.*⁵³

No sentido aqui atribuído, *associar-se* significava formar associações de socorros mútuos, sociedades e clubes de caráter beneficente. Estas organizações, pelo menos as formadas pelos proletários, tinham o objetivo expresso de fornecer a seus membros pequenas importâncias em caso de doença, desemprego ou invalidez; ou custear enterros e garantir uma pequena pensão

⁵² R. D. A. P. Eugenio Sue. Elogio do illustre romancista francez. *Mysterios de Paris*. [O] *Judeu Errante*. *Jornal dos Typographos*. Rio de Janeiro, 22 jan. 1858, Parte 2, p. 2.

⁵³ Id.

à família dos que faleciam bem pobres.⁵⁴ Este tipo de proteção mutualista vai desembocar no tipo de serviço que, hoje, nós denominamos de instituição de seguridade social.

Aquele apelo do comentador das obras de Sue para que o artista conheça *melhor a sua dignidade* estava impregnado de ideologia liberal, mas soava bem aos ouvidos dos operários tipográficos que haviam fundado o *Jornal dos Typographos* com os recursos oriundos da sua sociedade de beneficência (a Imperial Associação Tipográfica Fluminense) e a fim de ganhar em comum meios para satisfazerem as necessidades da vida. Conscientes disso, os tipógrafos orgulhosamente proclamavam: *Eis portanto uma classe pobre sim, mas honesta, trabalhadeira e pacífica, fazendo esforços superiores ás suas forças, e fundando um diário, para, comunicando ao publico as occorrencias do dia, tirar delle recursos para viver.*⁵⁵

A derradeira referência a Eugène Sue no *Jornal dos Typographos* foi realizada em um artigo intitulado *As artes. O futuro do povo brasileiro.*⁵⁶ Neste artigo, depois de considerar lamentável o estado em que se achava a classe artística no Brasil, de observar *que nenhuma outra classe no paiz, qualquer que ella seja, é tão numerosa como esta [a classe artística]; por isso que ella é composta da grande maioria do povo a que imprudentemente esses grandes potentados da terra ousão appellar a RALÉ da nação*, e de julgar ser necessário reconhecer *que o espirito publico se acha agitado fortemente; que o germen da discordia vai minando as bases do systema social!* — sendo que o melhor remédio para cortar tal mal estaria em *dar trabalho ao povo para o distrahir, para fazer que suas idéas sejam occupadas em objecto mais digno de sua attenção do que essa infinita e interminavel questão de partidos*⁵⁷ — o nosso autor *propõe a delegação ao Estado para que este*

⁵⁴ Numa perspectiva de analisar como os trabalhadores urbanos, assalariados e livres estavam construindo durante o século XIX práticas discursivas que lhes permitissem pensar a sua situação material de vida em termos de classe, ver BATALHA, C. H. de M. Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. *Cadernos AEL*. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, v. 6, n. 10/11, 1999, p. 41-68.

⁵⁵ EDITORIAL. *Jornal dos Typographos*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1858, p. 1.

⁵⁶ AS ARTES: o futuro do povo brasileiro. *Jornal dos Typographos*, Rio de Janeiro, 5 mar. 1858, p. 2 e AS ARTES: o futuro... 7 mar. 1858, Parte 2, p. 1-2. [Incompleto]

⁵⁷ AS ARTES: o futuro... 5 mar. 1858, p. 2. [grifo no original]

*financiasse a montagem de oficinas que permitissem a criação de empregos para os artistas brasileiros desempregados.*⁵⁸

Esta proposta, no entanto, recebia dois argumentos contrários: um, daqueles que diziam não ter esse plano outro fim a não ser o de *assegurar aos vadios e ociosos um meio mais forte para assegurarem-se á crapula e libertinagem*; e o outro obstáculo, que também apontavam, vinha a ser o perigo da classe artista implantar aqui idéias comunistas oriundas e fomentadas na França. No entanto, para o autor do artigo *As artes. O futuro do povo brasileiro* não tinha cabimento comparar o comportamento dos trabalhadores do Brasil com os da França, porque

na França, onde os communistas havião querido levar a effeito as idéas do grande escriptor Eugène Sue, neste ponto não tinhão podido realizar, pela opposição que havião encontrado da parte do povo, em ser obrigado ao trabalho; porém releva notar que quando os republicanos chefes do movimento popular se acharão no governo provisorio, e quizerão levar a effeito esse pensamento de Eugène Sue, o povo [que] se achava senhor de todos os poderes tinha invadido tudo, e podia a seu bel-prazer dispôr de todas as cousas, e por isso tendo mais liberdade no estado em que se achava, não consentiria que essa liberdade lhe fosse coarctada. Além de que, preciso é attendermos a que lá não erão os futuros das familias dos artistas garantidos como aqui apontamos; e mesmo longe estamos de conceder um termo de comparação em nosso estado e o da França, principalmente em occasião que o republicanismo havia ahi triumphado com as belas idéas de – ‘liberté, fraternité, égalité’! – Seria mesmo um completo escarneo feito ao povo brasileiro iguala-lo a essa horda de sceleratos taes como os communistas

⁵⁸ Esta idéia de criar postos de trabalho para os proletários nacionais em oficinas financiadas pelo Estado, configurando desta forma uma reserva de mercado de trabalho urbano para os trabalhadores brasileiros, dava mostras da existência de um conflito étnico (mais especificamente, um sentimento antilusitano) no mercado de trabalho na Corte Imperial do período.

*da França. A França é um paiz, sem duvida, onde a civilisação e a sciencia se tem mais desenvolvido; mas seu estado de completa liberdade, os exemplos de governos immoraes legados aos povos, e por eles tambem seguidos, tem feito o mal grandioso de que actualmente são victimas os mesmos povos.*⁵⁹

Ao fazer menção ao período da Segunda República francesa (1848-1851), o nosso autor parece indicar que Eugène Sue foi uma espécie de mentor intelectual comunista para os dirigentes dos operários (Blanqui, Barbès, Albert, Raspail, Sobrier e outros), quando na manifestação popular ocorrida em Paris em 15 de maio de 1848 os operários e artesãos desta cidade penetraram na sala de sessões da Assembléia Constituinte, declararam-na dissolvida e formaram um governo revolucionário sob os auspícios daqueles dirigentes; que, no entanto, foram rapidamente dispersos pela Guarda Nacional e presos os seus líderes. Portanto, não está patente na citação a condição de Eugène Sue como deputado à Assembléia Legislativa (1850-1851) — em um momento (de 28 de maio de 1849 a 2 de dezembro de 1851) em que Marx o denominou de *período da República constitucional ou da Assembléia Nacional Legislativa*.⁶⁰

Ainda do ponto de vista do autor de *As artes. O futuro do povo brasileiro*, era com o trabalho que o povo iria se distrair de outros objetivos, o que impediria *que a imoralidade e o vício crescesse no país; e tambem se quebrava uma das mais poderosas alavancas para os anachistas*. Isto

*porque um governo que disto se ocupasse podia contar com o apoio de toda a nação, e então quando essa grande parte da população fosse incitada para fins sinistros, ella, contando com a segurança de um futuro risonho, não iria abraçar uma causa perfida que lhe manifestasse o desejo de perseguir e esmagar aquellles que tivessem concorrido para o bem estar de suas familias.*⁶¹

⁵⁹ AS ARTES: o futuro... 7 mar. 1858, Parte 2, p. 1-2.

⁶⁰ MARX, K. *O 18 de brumário de Louis Bonaparte*. Lisboa: Avante!; Moscou: Progresso, 1984. p. 27.

⁶¹ AS ARTES: o futuro... 7 mar. 1858, Parte 2, p. 1-2.

Curiosamente, tal concepção sobre o trabalho veio apresentar alguma similaridade com a defesa que a Associação Industrial faria, nos idos de 1881, da industrialização como uma forma de elevação da ordem e da moral da sociedade: *Supprimi o trabalho e tereis a revolução* — afirmavam os patrões em prol da indústria nacional. Afinal, argumentavam:

*O espirito do povo é irrequieto, precisa, para estar socegado, ter constantemente diante dos olhos alguma cousa que lhe prenda a atenção. [...] Ora, que melhor e mais forte elemento para moralisal-o [o povo] do que o trabalho? Nas fabricas, que são em miniatura a representação do Estado, o operario está sujeito a uma disciplina rigorosa, que vai inoculando em seu espirito idéas de ordem e o habito da obediencia e respeito aos superiores.*⁶²

Isso posto, finalizemos — por enquanto. Esse pequeno incurso sobre como certas obras de romancistas franceses foram lidas por determinados leitores no Brasil Imperial, há de se levar em conta que não foi feita nenhuma investigação sobre os modos como os significados foram atribuídos aos textos daqueles romancistas (Eugène Sue, sobretudo), mas somente procurei relatar os registros impressos deixados pelos leitores reais, a fim de mostrar que o leitor individual insinua seus significados e objetivos dentro do texto de outrem.

Sobre o Padre Lopes Gama, crítico dos romances franceses transladados para o consumo em nossa terra, ele estava preso aos *preconceitos de moralista*⁶³ — o que era normal para os homens de letras desse período.⁶⁴ Por conceber as estruturas

⁶² ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL. *O trabalho nacional e seus adversarios*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1881. p. 165-167.

⁶³ No seu jornal *Carapuceiro* era aplicado objetivamente o velho lema de Larra: *corrigit ridendo mores* [moralizar os costumes pelo humorismo].

⁶⁴ Numa abordagem desenvolvida a partir da premissa básica de que *a imaginação como um domínio isolado das tensões sociais era um horizonte ainda muito distante da atividade dos homens de letras do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX*, para assim entender de que maneira eles [os homens de letras] tentavam fazer de suas obras uma intervenção política em temas candentes que se colocavam no contínuo processo de organização do Estado e da sociedade imperiais. Cf. CANO, op. cit., p. 39-40.

sociais como se elas fossem movidas por sentimentos e paixões individuais, no jogo das forças sociais, o curso das circunstâncias exteriores tinham inegável peso, mas para um moralizador de costumes como era o Padre Lopes Gama o que decidia mesmo era a fibra do homem. Não obstante, toda a atenção deveria ser dada à educação, à formação do homem.

Nesta perspectiva educacional, para a sua boa formação o leitor necessitava seguir certas regras, o que impedia às pessoas das mais diversas idades terem em mãos os romances europeus de linhagem socialista, já que tais leituras poderiam imprimir em suas almas um impulso para as ações bruscas, rebeldes e radicais; contra, portanto, o princípio de ordem fundamental para o travejamento da *civilização* – termo caro para os intelectuais do período.⁶⁵

*Esses romances [franceses] – conclamava o Padre Lopes Gama – pela maior parte derivão da escola socialista e estão impregnados das pestíferas doutrinas do pantheismo e racionalismo, e consequentemente abomináveis. Pais de famílias, tutores e preceptores da mocidade, em vez desses livros, pela mór parte corruptores, fazei ler a vossas esposas, a vossos filhos, a vossos pupilos, a vossos discipulos, a Sagrada Escripura, especialmente o Novo Testamento. Neste livro divino achão-se as unicas e verdadeiras maximas da moral, dessa fonte inexaurível emanão as doutrinas que podem trazer-nos a felicidade temporal e eterna.*⁶⁶

⁶⁵ Sobretudo depois do fim do tráfico de africanos escravos para o Brasil, em 1850, dois problemas ganham projeção no círculo dos intelectuais: procurava-se definir quem iria substituir a mão-de-obra escrava, já que o trabalho escravo não seria mais alimentado pelo tráfico atlântico de africanos, e como o Brasil iria ocupar e “civilizar” o seu território. Uma análise da maneira pela qual se dera a hibridação da ideologia civilizadora no seio das elites brasileiras do Oitocentos, ver ALENCASTRO, L. F. de. O fardo dos bacharéis. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 19, p. 68-72, dez. 1987.

⁶⁶ GAMA, M. do S. L. O mal... 20 fev. 1859, p. 2.

READERS AND READINGS OF FRENCH NOVELS IN THE BRAZILIAN EMPIRE

ABSTRACT

This article investigates how the novels of certain European writers were read in Imperial Brazil – more precisely, it shows how such works were interpreted in pieces published in the press. The questions of the circulation of these texts and their reception by individual readers are also addressed.

KEYWORDS

Reading; Reader; Press, Rio de Janeiro; Miguel do Sacramento Lopes Gama, priest



Semana Illustrada, Rio de Janeiro, 30 jul. 1871, p. 4436.